

OS MERCADOS FINANCEIROS E AS INDÚSTRIAS DE ARMAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA HEGEMONIA INTERESTATAL

Aluno: Carlos Eduardo Mendes Santos

Orientadora: Regina Célia de Mattos

Introdução

A capacidade de torna-se ou manter-se um líder na economia e na política inter Estados está numa relação cada vez mais complexa entre o controle e o acesso aos fluxos do território-rede dos mercados financeiros, e a manutenção de um complexo industrial militar capaz de desequilibrar as decisões de política internacional em favor de alguns Estados-nação. Essa relação, vista pela Geografia, complexifica as análises sobre o território, tendo esse conceito, por essência, a idéia de controle. Os “territórios” dos mercados financeiros são constituídos por fluxos de informação de uma economia virtualizada, em redes, formando “nós”, fluidos e descontínuos, contrapondo-se ao território do Estado nacional e das indústrias de armamentos, o território-zona, que é fixo. É importante salientar que tais conceitos serão trabalhados de forma a mostrar a dimensão de cada concepção como “tipos ideais” que, na prática, não podem ser separados, mas que, apesar disso, podem ser apresentados com suas diferenças. Nesse sentido, a discussão sobre o território-rede e o território-zona se faz necessários, pois, a partir do entendimento de tais conceitos, poderemos avançar na construção de uma teoria que, aliada a exemplos concretos, nos ajuda a esclarecer como a estrutura de poder estatal é construída neste momento da história das nações, sem perder de vista, o passado, revelador de estruturas e estratégias de poder que se reciclam.

Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação do Estado nacional com os mercados financeiros (bolsas de valores, bolsas de mercadorias e futuros) e as indústrias de armamentos, os chamados complexos industriais militares. Buscamos entender essa relação como pilar da economia e da política capitalista contemporânea atingindo as relações de poder entre os Estados, criando, mantendo e aumentando assimetrias.

Metodologia

Ainda está muito presente a idéia de território como o território nacional, definido por fronteiras estabelecidas, como se fossem, a-temporal, quase que um dado natural dentro de uma geografia euclidiana, isto é, sem confrontos e sem tensões. Essa forma de enxergar o território é muito compartilhada pelas populações ocidentais, constituindo, também, o imaginário de um território nacional soberano. Porém, apenas essa maneira de enxergar o território não corresponde às necessidades do mundo atual. O território-rede das bolsas de valores ganha visibilidade e força no capitalismo contemporâneo, e o território nacional, o território zona, por vezes é compreendido como aquele que impede a fluidez e a troca acelerada das transações comerciais. Pretendemos analisar as diferenças dessas duas concepções de território sabendo, contudo, que trabalhamos com tipos ideais mas que na realidade; são inseparáveis [1].

A hegemonia de um Estado ou grupo de Estados baseia-se na capacidade de controlar e acessar esses territórios concretamente, pois, a lógica contraditória do sistema capitalista [3] só pode ser “administrada” temporariamente e impondo externalidades ao outro. Assim, o poder de redirecionar a subreacumulação [2], via mercados financeiros em favor próprio, acaba por beneficiar um país ou grupo de países ao mesmo tempo em que suas empresas também usufruem desse fluxo. Ora, mesmo havendo lógicas diferentes entre os interesses do Estado voltado para o bem de um grupo mais amplo e o interesse privado mais restrito aos empresários ou acionistas, a possibilidade de usufruir esse fluxo promove um dinamismo muito maior na economia dos territórios privilegiados. Podemos chamar de tempos rápidos aqueles capazes de acessar esses fluxos, e tempos lentos, os que não têm acesso ou tem de forma limitada [4]. Esse fluxo é utilizado pelos Estados e pelas empresas privadas para investimentos em tecnologias militares do qual o Estado é o principal comprador. Os complexos industriais militares cumprem muitas funções dentro desses Estados e dentro do sistema capitalista: criam novas tecnologias financiadas pelo Estado, consomem grande parte do capital sobreacumulado aliviando o excesso de liquidez, e promovem uma assimetria no poder entre os Estados.

Conclusão

A grande questão do capitalismo é de fato, a sobreacumulação, ou seja, o excesso de capital (liquidez) que não encontra investimentos rentáveis, assumindo assim riscos cada vez maiores. Analisando assim, vemos que o território-rede das bolas de valores atinge o ideal de atributo para a moeda, a mobilidade. Essa mobilidade e esse fluxo atende à busca de investimentos cada vez mais rentáveis e mais seguros, ao mesmo tempo em que se multiplica de forma muito mais rápida gerando um volume e propensão ao risco ainda maior, o que acarreta turbulências. Neste ponto, a indústria bélica serve como um canal de investimentos via Estado e bolsas de valores, já que muitas dessas empresas têm suas ações cotadas nas principais bolsas do mundo. Essa indústria atinge diversos pontos sensíveis para um Estado que busca a hegemonia em relação aos outros Estados, como uma forma de subsídios a criação de alta tecnologia, como o projeto de escudo antimísseis no leste europeu, do atual governo Bush.

Referências Bibliográficas

- 1 - HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios À Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.
- 2 - HARVEY, D. **O Novo Imperialismo**. São Paulo. Edições Loyola. 2004.
- 3 - MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital: Rumo a Uma Teoria da Transição**. Editora Unicamp. São Paulo. 2002.
- 4 - SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo. Edusp, 2004.